

ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA DÉCADA DE 1930: “UMA EXPRESSÃO DO AMADORISMO”¹

Vitor Lucas de Faria Pessoa²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as relações entre o esporte universitário e as discussões que ocorreram no cenário esportivo acerca do profissionalismo e do amadorismo durante a década de 1930 no Brasil. Para tanto, foram analisados jornais e revistas de 1930 a 1940 no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro através da Hemeroteca Digital Brasileira. Conclui-se que naquele contexto, o esporte acadêmico serviu como um paradigma para o ideal do amadorismo, principalmente por parte de agentes da imprensa e do Estado Novo, além disso, um dos motivos para a não profissionalização do esporte universitário brasileiro, pode ser explicado pelo frequente aporte financeiro gerado por parte do Estado, que pretendia utilizar os acadêmicos como expoentes para a juventude do país.

Palavras-chave: Amadorismo. Esporte Universitário. Estado Novo.

College Sports in the 1930s: “an expression of amateurism”

Abstract: The aim of this paper is to analyze the relationship between college sports and the discussions that took place in the sports scene about professionalism and amateurism during the 1930s in Brazil. To this end, newspapers and magazines from 1930 to 1940 were analyzed in the collection of the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro through the Hemeroteca Digital Brasileira. We concluded that in that context, academic sport served as a paradigm for the ideal of amateurism, mainly by press agents and politicians from the Estado Novo, in addition, one of the reasons for the non-professionalization of Brazilian university sport, can be explained by the frequent financial contribution generated by the State, which intended to use academics as exponents for the country's youth.

Keywords: Amateurism. College Sports. Estado Novo.

El deporte universitario en la década de 1930: "una expresión del amateurismo"

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la relación entre el deporte universitario y las discusiones que tuvieron lugar en la escena deportiva sobre el profesionalismo y el amateurismo durante la década de 1930 en Brasil. Para ello, se analizaron periódicos y revistas de 1930 a 1940 en la colección de la Biblioteca Nacional de Río de Janeiro a través de la Hemeroteca Digital Brasileira. Se concluye que en ese contexto, el deporte académico sirvió como paradigma para el ideal del amateurismo, principalmente por agentes de la prensa y del Estado Novo, además, se puede explicar una de las razones de la no profesionalización del deporte universitario brasileño por el frecuente aporte económico generado por el Estado, que pretendía utilizar a los académicos como exponentes de la juventud del país.

Palabras clave: Amateurismo. Deportes Universitarios. Estado Novo.

¹ Este trabalho contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço eletrônico: vitorlfpessoa@hotmail.com. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Introdução

As discussões sobre o amadorismo no futebol que ocorreram durante a década de 1930 no Brasil, perpassaram em larga medida a retórica que buscava o desenvolvimento do esporte universitário em âmbito nacional. As primeiras federações acadêmicas foram criadas no mesmo ano em que ocorreu a oficialização do profissionalismo do futebol brasileiro (PESSOA, 2018). Além de uma coincidência histórica, qual teria sido a relação do movimento iniciado pelos acadêmicos do Rio de Janeiro e São Paulo, com o contexto mais amplo do esporte nacional, mais especificamente, com relação ao processo de profissionalização do futebol?

Para que possamos compreender as relações entre o amadorismo e o esporte universitário, torna-se necessária uma análise de como se deu o desenvolvimento histórico dos esportes no Brasil, mais precisamente, compreender o processo que levou as discussões sobre o amadorismo e profissionalismo que ocorreram a partir da década de 1920, mas que tem as suas raízes, na segunda metade do século XIX:

O desenvolvimento histórico do esporte no Brasil está cronologicamente situado ao longo da segunda metade do século XIX, aproximadamente. Nessa época, clubes foram inaugurados, federações foram fundadas e um grande número de competições passou a ser realizado. Novas concepções de uso do corpo progressivamente orientaram práticas e pedagogias. Geralmente, esse processo se fez acompanhar por um conjunto de outras transformações mais amplas, nas quais os esportes tomam parte. Basicamente, os esportes se integram e se articulam a edificação de um ideário de progresso urbanístico e modernização dos costumes (DIAS, 2012, p. 6).

O futebol se consolidou no Brasil durante a transição entre o século XIX e o século XX, apesar de não ter sido o primeiro esporte a chegar ao país, se tornou um expoente da cultura nacional em poucas décadas. As discussões sobre o amadorismo e profissionalismo tiveram como ponto fulcral o esporte bretão, sendo que os clubes de maior relevância no cenário nacional seriam o pontapé inicial para o debate acerca da profissionalização dos atletas brasileiros.

Apesar do futebol ser o esporte de maior relevância nos meios acadêmicos³ durante a década de 1930⁴, o que buscamos aqui não é simplesmente uma comparação entre o futebol dos clubes que se profissionalizava e o futebol universitário que se desenvolvia no interior

³ Ao longo do texto, o termo “meio acadêmico” será compreendido como o conjunto de ações, sujeitos e práticas que ocorriam na esfera do ensino superior brasileiro.

⁴ CAMPEONATO Universitário de Football da F.A.E. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 09 set. 1941, p. 3.

dos centros e grêmios acadêmicos⁵. Naquele contexto, a profissionalização do esporte bretão representou uma quebra de paradigmas, onde o amadorismo perdia espaço diante do mercado que se desenvolvia em torno das quatro linhas do gramado. Dessa forma, quando falamos em profissionalização do futebol, temos como pano de fundo uma discussão acerca da comercialização do fenômeno esportivo. *Pari passu* ao desenvolvimento deste processo, o esporte universitário se consolidava nas universidades do país, em larga medida, guiado pelo ideal amador, o que motivou movimentos associativos que culminaram na criação das primeiras federações esportivas acadêmicas a partir da década de 1930 (PESSOA, 2018). Levando em conta este contexto, o esporte universitário pode ter sido utilizado como um espaço privilegiado para a defesa do ideal do amadorismo no esporte?

Grande parte da historiografia sobre o surgimento do futebol no país se apoia na concepção dos “mitos fundadores”, nas palavras de Franzini (2003, p. 18), “graças aos pés de jovens filhos da elite educados na Europa ou dos ingleses que aqui vieram trabalhar e residir”, assim o futebol teria sido difundido pelos quatro cantos do país, principalmente a partir do Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo já sendo praticado pela classe operária na Inglaterra naquele contexto, o futebol se tornaria no Brasil uma prática que seria principalmente apropriada pelas elites econômicas (PEREIRA, 1998). Porém, esta interpretação sobre a forma como o futebol se desenvolveu no Brasil não ocupa uma posição unívoca na historiografia do esporte:

De fato, na historiografia do futebol brasileiro são poucas as referências que não às regiões Sul e Sudeste, sobretudo as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Tudo se passa como se apenas essas regiões tivessem importância histórica para o desenvolvimento do futebol no país, tal o nível da invisibilidade das outras. Para além do futebol, poderíamos dizer que é esse também o caso das práticas esportivas em geral (DIAS, 2012, p. 3).

Tradicionalmente estas concepções seguem o paradigma de que o Rio de Janeiro e São Paulo seriam os centros irradiadores da cultura esportiva em âmbito nacional. Dessa forma, não podemos ignorar os esforços que vêm sendo feitos por parte de alguns pesquisadores, no intuito de lançar novas interpretações sobre o surgimento e o desenvolvimento não só dos esportes, mas também de toda uma cadeia de divertimentos no país⁶. Com relação ao futebol, a interpretação hegemônica por parte da historiografia aponta que, a participação das elites cariocas e paulistas foi o pontapé inicial para a criação dos

⁵ Para saber mais sobre o associativismo estudantil e sua relação com a sistematização do esporte universitário no Brasil, ver: PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. *Política, associativismo e esporte universitário na década de 1930*. Movimento, v. 26, e26066, 2020.

⁶ Alguns estudos que apontam nesta direção: Santos, 2017; Oliveira, 2016; Dias, 2017; Amaral; Dias, 2017; Xavier; Amaral; Dias, 2019.

primeiros clubes do país, por conseguinte, o esporte seria um espaço privilegiado de apropriação das elites enquanto capital simbólico, que representava uma superioridade de classe, a partir de uma perspectiva eugênica, servindo como signo de distinção que pertencia somente aos brancos oriundos das camadas mais abastadas destas metrópoles (FRANZINI, 2003).

Em busca de defender os valores “puros” do esporte estes jovens tentavam se aproximar dos ideais da aristocracia inglesa, a partir daí o amadorismo se configurou como o *ethos* da instituição esportiva, a maneira pela qual estes *sportsmen* se representavam a partir do fenômeno esportivo. De acordo com Bourdieu:

A teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("will to win"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 2003, p. 187).

A distinção de classe seria então um dos principais fatores para que o amadorismo estivesse presente no âmago do desporto acadêmico, o esporte serviria como parte do processo formativo dos futuros líderes da nação, sendo um fenômeno que conferia aos atletas capital político e cultural. Ademais nas fontes pesquisadas, em nenhum momento houve um debate acerca da profissionalização do desporto universitário durante o recorte temporal estabelecido na pesquisa, sendo que seu caráter amador também poderia reforçar uma ideia de imobilidade social⁷, mesmo porque, o esporte universitário se restringia aos estudantes que ocupavam as cadeiras das escolas superiores do país, que notadamente nas primeiras décadas do século XX eram constituídas em grande parte por setores das elites econômicas.

O primeiro time de futebol das principais ligas do Rio de Janeiro e São Paulo que incluiria membros das camadas populares em suas fileiras seria o Clube de Regatas Vasco da Gama, ocasionando o que seria chamado por Malaia (2008) de “Revolução Vascaína”. Todavia, isto não significa que os dirigentes do Vasco, naquele contexto, buscavam qualquer tipo de enfrentamento ao racismo instituído nos clubes esportivos do país, a inclusão destes sujeitos nas fileiras do Clube, pode ser compreendida através de uma estratégia de mercado utilizada por parte dos empresários portugueses, já que os times do subúrbio do Rio de Janeiro contavam com excelentes jogadores, compostos em sua

⁷ Utilizo a ideia de imobilidade social em contraponto ao conceito de mobilidade social estabelecido na sociologia, ou seja, o esporte universitário seria um fenômeno que não favoreceria uma emancipação de classe, ao contrário do que foi, por exemplo, o processo de profissionalização do futebol no Brasil. Para um maior aprofundamento ver: BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pg. 275.

maioria, por brancos pobres e negros (FORTES; MALAIA, 2021). Além disso, este processo não culminou imediatamente na monetarização declarada aos atletas que compunham estas equipes, sendo que a profissionalização dos clubes de futebol só ocorreria oficialmente em 1933, já sob o Governo Provisório de Getúlio Vargas (MALAIA, 2008). Ao estudar a dinâmica de profissionalização do futebol paulista entre as décadas de 1920 e 1930, Yamandu e Góis Junior (2012, p. 9), ressaltam que:

Em 1926, o *Club Athletico Paulistano* foi o pivô da discussão sobre amadorismo e profissionalismo “marrom” em São Paulo. O Clube tornou-se dissidente da Apea, com o mote de defesa do amadorismo puro, e da elitização dos clubes nas disputas futebolísticas. Dessa forma, o Paulistano torna-se fundador da LAF (Liga de Amadores de Futebol). Entre os anos de 1926 e 1929, o campeonato paulista teve duas versões, uma de cada entidade. Em 1930, o torneio foi re-unificado, mas com a eminente profissionalização, o Paulistano fechou seu departamento de Futebol. Nos anos de 1920, a imprensa paulista ficou ao lado dos princípios do amadorismo, denunciando casos de profissionalismo, defendendo os princípios do esporte. Exatamente como a imprensa atual critica o *dopping*. Contudo a imprensa percebia que o amadorismo tornava-se um ideal que estava distante da realidade do futebol paulista nos anos de 1920.

Ao se referirem sobre o profissionalismo “marrom”, os autores dizem respeito ao pagamento de jogadores da classe popular para que pudessem compor os quadros dos times amadores, que eram em sua maioria constituídos por membros da elite paulista. A profissionalização do futebol foi fundamental para que as classes populares tivessem acesso ao que era *a priori* um privilégio das elites, ocasionando de fato, um processo de mobilidade social que deu origem a um alargamento da prática esportiva, principalmente devido a uma mudança de paradigma. Desse modo, a eficiência tornou-se, em um determinado momento, uma variável mais importante do que o status de distinção que era conferido ao amadorismo. Este debate não se deu de forma linear e passiva, a imprensa ocupou um papel fundamental nas discussões sobre os princípios e valores do esporte, algo que refletiria sobremaneira nas concepções acerca do processo de transição entre o amadorismo e o profissionalismo no Brasil:

Embora atenta aos fatos ocorridos nas principais cidades ao redor de São Paulo, o discurso moral em relação aos princípios do esporte não se perdia nos periódicos do final da década de 1930. A posição unívoca em defesa do amadorismo, entretanto, perdia espaço para a polêmica e do debate sobre amadorismo e profissionalismo (YAMANDU; GÓIS JUNIOR, 2012, p. 10).

A sistematização de uma indústria do entretenimento com a criação de um mercado rentável em torno da prática esportiva foi um dos

principais fatores responsáveis pelo processo que culminou na profissionalização do esporte bretão ao longo das primeiras décadas do século XX no Brasil. Os valores em torno de um ideal de entrega gratuita ao esporte, algo que era defendido pela lógica do amadorismo, seriam substituídos pela competitividade e eficiência, fazendo com que a habilidade fosse um fator mais relevante do que a origem social (não nos referimos aqui ao mito da democracia racial). No caso do esporte universitário, não houve um processo de comercialização deste fenômeno, por conseguinte, ele se caracteriza como um objeto privilegiado de análise da relação entre o amadorismo e o profissionalismo no esporte, visto que o momento de sua sistematização no país é coetâneo ao processo de oficialização do profissionalismo do futebol brasileiro. Dessa forma, podemos estabelecer paralelos entre os discursos que constituíam a nova realidade profissional do futebol, ao mesmo tempo em que o esporte universitário era visto enquanto um expoente dos valores puros do esporte amador. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar as relações entre o esporte universitário e as discussões que ocorreram no cenário esportivo acerca do profissionalismo e do amadorismo durante a década de 1930.

Para tanto, utilizamos como fontes primárias jornais e revistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, coletadas na Hemeroteca Digital Brasileira. Estas ocorrências foram provenientes de seis estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Maranhão e Distrito Federal. A predominância das fontes foi de São Paulo e Rio de Janeiro (Distrito Federal). Ao todo foram tratados vinte periódicos do ano de 1930 ao ano de 1941. O recorte temporal tem relação com o início da sistematização do esporte universitário no país, ao mesmo tempo em que as discussões sobre o profissionalismo estavam em voga nos principais jornais do Brasil. O ano de 1941 marca o momento em que as instituições acadêmicas esportivas são oficializadas pelo Estado Novo. A partir daí o discurso do amadorismo torna-se oficial e o esporte universitário passa a ter suas diretrizes estipuladas por decreto-presidencial (PESSOA; DIAS, 2019).

A “Pureza” do Esporte Acadêmico

A relação entre o amadorismo e o esporte universitário se deu de forma paradoxal ao longo da década de 1930, não havia renumeração aos atletas que compunham as equipes universitárias, porém, assim como veremos adiante, os mesmos desportistas que figuravam em equipes profissionais participavam dos campeonatos acadêmicos, sendo que a única condição é que ocupassem bancos universitários. Como naquele contexto as universidades eram ocupadas em grande parte por camadas mais abastadas da sociedade, o esporte acadêmico tornou-se um símbolo de distinção que carregava os valores e a essência do esporte amador. Em uma disputa sobre a posse de um campo de futebol na capital paulista, o Correio de São Paulo relata detalhadamente os motivos pelos quais

cada time deveria ou não reclamar pra si o espaço, o cronista ao discutilos faz uma comparação entre o futebol profissional e o futebol universitário, notadamente entendido como amador:

É apenas um clube de futebol profissional, que quer para si uma área de terreno, onde 11 elementos de um lado, mais 11 de outro façam as “delícias” de um povo que se desinteressa, cada vez mais, pelo futebol profissional, em nome dos estudantes Bandeirantes⁸.

Além disso, por diversas vezes a mídia impressa se refere ao caráter “puro” do esporte acadêmico, apontando as potencialidades da “mocidade estudantil”. Como se o esporte universitário representasse em última instância as formas originais do fenômeno esportivo:

E mais do que uma vez temos chamado a atenção para a pureza dos princípios que norteiam esta atividade e para a visão larga dos seus orientadores. Restringindo o campo desta nossa observação, acentuámos ainda que no terreno do esporte base, no campo das formas clássicas e puras da atividade esportiva, este nível superior do nosso esporte universitário manifesta-se com deslumbrante nitidez.⁹

Em um campeonato de atletismo universitário organizado em 1935 pela Federação Universitária Paulista de Esportes (F.U.P.E.), houve uma polêmica com relação a uma possível desclassificação do Centro Acadêmico XI de Agosto, devido à participação de “Hidelbrando T. Freitas, um dos mais destacados batalhadores do esporte universitário no Brasil¹⁰”. Segundo os estudantes do Grêmio Politécnico, o referido atleta não se encontrava regularmente matriculado na Faculdade do Largo do São Francisco. Este embate gerou um desentendimento entre os estudantes paulistas, de acordo com o cronista do *Correio Paulistano*, o atleta teria perdido sua matrícula¹¹ devido à participação na “Olympiada Universitária Brasileira” e “impulsionado pelo entusiasmo de ver realizado um dos maiores certames do Brasil, emprestou todas as suas energias em prol do grande feito¹²”. Ao concluir o relato o cronista expõe sua opinião acerca do que deveria ser feito com relação ao ocorrido:

⁸ COMO será resolvida a pendência do campo São Paulo? *Correio de São Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1935, p. 5.

⁹ ATLETISMO. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 out. 1934, p. 6.

¹⁰ OS NOSSOS universitários também crearam um “caso”... *Correio Paulistano*, São Paulo, 18 set. 1935, p. 8.

¹¹ Na ocasião, o estudante Hidelbrando T. Freitas alegou ao *Correio Paulistano*, que havia perdido o prazo para efetuar a sua matrícula na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, devido aos esforços empreendidos durante a realização da “Olympiada Universitária Brasileira”. Portanto, durante a competição, o acadêmico não se encontrava regularmente matriculado no curso de Direito.

¹² *Idem*.

Para este caso achamos que os que comparecerem à assembleia deverão estudar atenciosamente todos os detalhes deste assunto, para que não seja tomada uma deliberação errônea, contribuindo para o desmoronamento do que foi construído com tanto carinho e perseverança. Já é tempo de evitar maiores prejuízos morais e materiais para o nosso esporte, mormente tratando-se de uma entidade de amadores¹³.

Quando as primeiras federações de esporte universitário surgiram na década de 1930, o debate acerca do amadorismo no futebol ainda não havia se esgotado, em larga medida, os mesmos cronistas que se ocupavam em discutir os clubes esportivos, também tratavam do esporte universitário, ou seja, o desporto acadêmico não era um fenômeno esportivo apartado dos debates que envolviam o esporte de uma forma geral. Neste sentido, a preparação para o Campeonato Sul-americano de Futebol, foi um espaço privilegiado para que estes dois universos esportivos se encontrassem, inclusive, trazendo dados importantes sobre a atuação de jogadores dos principais clubes do país e das seleções estaduais como integrantes das equipes acadêmicas:

Está em foco a iniciativa da C.U.B.E. [Confederação Universitária Brasileira de Esportes] de pretender representar o Brasil no próximo campeonato sul americano, no Chile. A entidade máxima do esporte universitário, que na regulamentação federal desempenhará importante papel, vai demonstrar que possui grandes possibilidades para assumir a missão de levar o futebol brasileiro ao torneio do Chile. Naturalmente, deve em primeiro lugar contar com uma direção técnica apurada. A organização também merece muito carinho. A C.U.B.E. espera, porém, o apoio oficial de modo que seu comparecimento, caso for autorizado pela C.B.D. [Confederação Brasileira de Desporto] terá todas as garantias de serenidade. Que assim seja. O principal passo é tornar a participação cercada de todas as garantias econômicas, técnicas e disciplinares. Os futebolistas universitários espalhados pelo país são em numero elevado e daria para formar não um e sim dois e até três quadros. Muitos são “azes” não só de clubes principais, como das próprias seleções estaduais. Se não nos enganamos, os regulamentos do esporte internacional universitário permitem que um elemento seja considerado “universitário”, dois anos depois de formado. Assim a C.U.B.E. poderia aproveitar outros “azes” formados nas escolas superiores, nestes últimos dois anos¹⁴.

A participação de jogadores profissionais nos certames acadêmicos, nos leva a entender que havia um status distintivo que conferia as competições universitárias valor simbólico, além disso, o fator de sociabilidade que era acarretado pelo intercâmbio entre os acadêmicos de todo o país, pode ter sido outro elemento que contribuiu para a

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ OS UNIVERSITÁRIOS e o Sul-Americano de Futebol. *O Dia Esportivo*, Curitiba, 17 dez. 1940, p. 10.

participação destes jogadores nos certames amadores. Roberto Whately¹⁵, um dos mais importantes atletas universitários da década de 1930, em entrevista ao *Correio Paulistano*, destacou a importância de se defender as “cores” dos centros acadêmicos, mostrando que havia naquele contexto um processo de pertencimento identitário, que pode também ser outra variável que corroborava para que estes sujeitos tomassem parte das competições acadêmicas.

Algo que nos chama atenção, com relação aos atletas universitários, são suas marcas e pontuações nas competições, principalmente se tomarmos como exemplo o atletismo. Ao longo da década de 1930, vários recordes de acadêmicos seriam próximos ou até mesmo superariam os de federações e confederações obtidos por atletas de clubes esportivos. Em uma matéria publicada no *Diário de Pernambuco*, o cronista faz uma síntese do atletismo universitário nos certames que ocorriam pelo país em 1934, elaborando uma comparação com os atletas de clubes esportivos:

A Realização, com um sucesso quase surpreendente, no último domingo, do Campeonato de Atletismo [...], ao mesmo tempo que no Rio de Janeiro, era levado a efeito mais um Campeonato de Atletismo, pela Federação Atlética de Estudantes, veio pantear de modo irretorquível a destacada posição da classe estudantina no cenário atlético nacional. Assim é que enquanto, no campeonato pernambucano, uma percentagem enorme dos triunfos pertenceu a atléticas estudantes, na competição estudantina do sul, os resultados técnicos assinalados elevaram o certame a um nível bastante animador. Quatro recordes marcados durante a competição de que há dias demos o resultado geral, dizem bem alto do preparo dos atletas estudantes. Heitor Medira, por exemplo, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro obteve no lançamento de dardo: 59,24 mts. Este resultado, marcado pelo jovem atleta que há poucos anos dava os primeiros passos no esporte no C. R. Tietê de S. Paulo, difere apenas em 425 milímetros do recorde sul-americano e brasileiro assinado há anos pelo inominável Joaquim Duque da Silva. Tarcísio Soriano, colega de Faculdade de Medicina, cobriu os 100 metros rasos, em 10” e 8, resultado notável para a classe da competição. Coube a Faculdade de Direito de São Paulo por intermédio de Carlos Afonso dos Santos, uma outra performance notável. Foram os 35 mts. e 15 assinalados no arremesso do disco. Alvariano da Fonseca, da Politécnica do Rio, correu os 800 metros em 2’,7”8/10 outro recorde da classe. Uma estatística interessante mostra que o certame da F.P.D pertenceu aos atletas dos Centros Atléticos das Escolas Superiores, a primeira das vitórias. Com efeito, durante a realização das 13 provas do torneio, 44 atletas obtiveram colocação, sendo 16 em 1º lugar. (No revezamento 4x100, ha 4 1as. colocados), 16 em 2º e 12 em

¹⁵ Roberto Whately foi um atleta universitário, campeão brasileiro de tênis, diretor do Centro Acadêmico XII de Agosto na gestão de 1935, para mais informações ver: DULLES (1987); A POLÍTICA das Arcadas em plena effervescência. *Correio Paulistano*, São Paulo, 4 set. 1935, p. 12.

3°. Destas 44 colocações 22 (exatamente 50%) pertenceram a estudantes superiores, elementos dos centros das respectivas escolas. Na distribuição das colocações atendendo aos pontos marcados a vantagem dos universitários é manifesta. De fato os elementos acadêmicos tiveram 11 das 16 1as. colocações; 8 das 16 2as. e 3 das 12 3as. colocações. Marcaram por consequência 82 pontos, num total de 140. Todos estes fatos atestam de modo insofismável a eficiência da atuação dos Centros Atlético Acadêmicos no seio da classe universitária¹⁶.

Um dado interessante que podemos notar é que o esporte universitário não se restringia unicamente aos circuitos acadêmicos, além disso, assim como foi exposto pelo cronista, é provável que uma parte considerável dos estudantes constituísse as fileiras de algum clube. Paulatinamente nas páginas dos jornais, os cronistas exaltavam os atletas universitários que superavam marcas importantes nos certames atléticos. Durante o segundo campeonato acadêmico de atletismo realizado em Recife em 1934, o *Diário de Pernambuco* ressaltou que: “Como prova da excelência dos resultados obtidos basta dizer que todos os nossos recordes acadêmicos foram superados e estabelecidos também nada menos de nove, novos recordes pernambucanos¹⁷”, nas modalidades de “dardo, disco, altura, distancia, tríplice, vara, 400, 800 e 1.500 metros rasos¹⁸”. Durante o mesmo certame, Falcão um atleta universitário, igualaria o recorde da Marinha Brasileira na eliminatória de 400 metros¹⁹. Não obstante, em um campeonato acadêmico de atletismo realizado pela Federação Universitária Paulista de Esportes em 1936, quatro recordes universitários foram quebrados, inclusive um deles o recorde sul-americano de salto em altura, com Ícaro Castro Mello e Alfredo Mendes, ultrapassando o sarrafo com 1,93 metros²⁰. Não somente no atletismo e no futebol, mas em várias modalidades esportivas os atletas universitários se destacavam entre os principais quadros do país:

Como se sabe, é nas escolas superiores que se encontram alguns dos elementos de maior destaque do nosso basket, como De Vincenzi, Simões, Pelado, Carlito, Rui, Armando, Ratinho e muitos outros que figuram com relevo no cenário esportivo da cidade. Assim é de esperar que o campeonato da F.A.E. marque esplendidas performances²¹.

De acordo com Gambeta (2015), na Inglaterra “os amadores desdenhavam as multidões, preferiam se recolher em pequenos torneios

¹⁶ ESPORTE Universitário - os últimos Sucessos do Atletismo Acadêmico Brasileiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 set. 1934, p. 2

¹⁷ ESPORTE Universitário, *Diário de Pernambuco*, Recife, 23 out. 1934, p. 6.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ ATLETISMO. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 out. 1934, p. 6.

²⁰ AS ACTIVIDADES do esporte-base. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 mai. 1936, p. 8.

²¹ VÁRIAS Esportivas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1941, p. 20.

universitários e ao restrito circuito de clubes burgueses” (p. 118). No Brasil a relação entre o amadorismo e o esporte universitário não se deu desta forma, grande parte dos atletas universitários compunham as fileiras dos clubes esportivos, além disso, nas fontes que apresentavam os certames acadêmicos, a assistência aos jogos era destacada como um dos principais fatores para o sucesso ou não dos conclaves. Por uma coincidência histórica, o profissionalismo foi oficializado no país no mesmo ano em que seria fundada a primeira federação de esporte universitário em 1933, no Distrito Federal. Todavia, não podemos afirmar que o desenvolvimento do esporte universitário em âmbito nacional, seja uma consequência direta em resposta à profissionalização do futebol. O que podemos dizer é que: o esporte universitário serviu como um paradigma do amadorismo para a retórica e o imaginário dos cronistas esportivos e de agentes do Estado na década de 1930. E é neste contexto, que as comparações entre as duas instâncias ocorriam corriqueiramente nas páginas dos jornais. O Estado passou a ver o amadorismo no esporte acadêmico como um dos fatores fundamentais para que ele precisasse ser subsidiado pelo governo:

Causou agradável impressão nos círculos esportivos de nossa capital o gesto do governo federal, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde Pública, concedendo um auxílio de 50:000\$000 à Federação Universitária Paulista de Esportes, para a realização da 2ª Olimpíada Brasileira, que deverá realizar-se em São Paulo, no próximo mês de março. Esse auxílio foi autorizado, atendendo-se a que o esporte universitário constitui uma expressão do amadorismo, capaz de, completando a educação física dos estabelecimentos de ensino primário, normal e secundário, contribuir decisivamente para assegurar a mocidade as condições físicas e morais de vida sã e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades, conforme determina a Constituição²².

Os auspícios do Estado foram fundamentais para que o esporte universitário se consolidasse no cenário nacional a partir de 1930 e principalmente nos primeiros anos da década seguinte. A defesa do ideal amador, alinhada ao discurso do prepara físico da “raça” brasileira, constituíram os principais argumentos para que o desporto estudantil entrasse na agenda do Governo Federal.

O amadorismo não é a única chave interpretativa para compreendermos como ocorreu o alargamento da prática esportiva dentro das universidades do país, porém, ele se configura como um aspecto fundamental para que possamos entender como se constituiu a retórica em torno do desporto acadêmico, este discurso tinha como ponto fulcral algo que estava acima dos desejos individuais, para que os estudantes alcançassem o maior alinhamento possível com o Estado. Talvez um dos maiores entusiastas das “formas puras do esporte” seja o General Newton Cavalcanti:

²² DE TUDO Um Pouco. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 fev. 1940, p. 8.

O general Newton Cavalcanti militar de têmpera e desportista de larga visão, não poderia ficar alheio ao movimento que se inicia graças   regulamenta o ordenada pelo chefe do governo. Membro destacado do Conselho Nacional de Desportos, o general Newton Cavalcanti tem acompanhado com muito interesse todos os problemas dos desportos brasileiros, tendo dado já inequívocas provas de seu desejo de ver o desporto amadorista em plano bem mais elevado. Por uma das figuras mais destacadas do nosso Exército e não menos brilhante membro do Conselho máximo do desporto nacional, será apreciado o último decreto-lei²³ do presidente Getúlio Vargas sobre a nova ordem de coisas estabelecida para os esportes universit rios²⁴.

Os defensores do amadorismo viam no esporte universitário a expressão dos valores que seriam necessários para educar uma juventude coesa com os princípios da pátria, mais precisamente com as teleologias do Estado Novo. As discussões acerca do caráter amador do desporto acad mico, não podem ser apartadas de todas as variáveis que se interpelavam no âmbito esportivo durante a vigência da ditadura de Vargas. Principalmente, a utiliza o do esporte enquanto um veículo de aprimoramento da raça, como parte de um processo educativo que buscava controlar os estudantes, assim como, a utiliza o do esporte enquanto um espaço privilegiado para afirma o de uma identidade nacional (DRUMOND, 2014). Portanto, quando analisamos a rela o entre o amadorismo e o esporte universitário, precisamos ter em mente que na conjuntura política em que o país estava inserido, a constru o do nacionalismo perpassava a maior parte dos discursos proferidos em prol da sistematiza o de um projeto esportivo no Brasil, sendo que o esporte universitário, visto como “uma expressão do amadorismo”, seria um exemplo que precisava ser seguido. Nas palavras do General Newton Cavalcanti, o esporte universitário:

Fez renascer, por esse meio, o amadorismo em toda sua plenitude, apontando   mocidade das sociedades desportivas o sentido da educa o física e espiritual para que, em breve, atinja às finalidades eug nicas e sociais, tornando-se útil a si própria,   família,   sociedade e por fim, constituindo-se em valores nacionais²⁵.

Talvez uma das contribui es que este texto possa trazer para a historiografia do esporte seja a concep o de que o discurso do amadorismo foi aparelhado pelo Estado Novo enquanto um espaço privilegiado para a afirma o de uma brasilidade, que estava sendo construída e veiculada por diferentes fen menos culturais, dentre eles o

²³ Na ocasião, Newton Cavalcanti se refere ao Decreto-Lei N  3.617, de 15 de setembro de 1941.

²⁴ PALAVRA das Mais Autorizadas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

²⁵ *Idem*.

esporte universitário. Em outras palavras, defender as cores de um centro acadêmico, por livre e espontânea entrega, seria em equivalência defender a pátria por amor, sem que fossem pesadas as consequências. A constituição de uma atitude voluntarista²⁶ talvez seja a chave para compreendermos a relação que o Estado estabeleceu entre o amadorismo, o nacionalismo e o esporte universitário.

Conclusões

A emergência histórica do esporte universitário no Brasil esteve intimamente ligada ao ideal do amadorismo. O esporte acadêmico se configurou como uma espécie de paradigma que deveria ser seguido pela juventude brasileira, representando o que havia de mais puro no âmbito esportivo. O Estado adotaria o esporte universitário como uma das bases necessárias para a criação de uma juventude saudável e leal aos desígnios do Regime. A centralização proposta por Vargas promoveu a oficialização²⁷ das entidades esportivas acadêmicas em 1941 (PESSOA; DIAS, 2019), fazendo com que a profissionalização do esporte universitário brasileiro fosse impraticável, visto que os auspícios do governo seriam direcionados para o esporte universitário precisamente pelo seu caráter amador, todavia, o aparelhamento das instituições esportivas por parte do Estado Novo, não é a única variável que explicaria o não desenvolvimento de um mercado em torno do esporte acadêmico, uma reflexão proposta por Bourdieu pode nos ajudar a compreender melhor este processo:

Compreende-se que aqueles que guardaram a nostalgia do rugby universitário, dominado pelas elegantes corridas dos jogadores de pontas, tenham dificuldade em reconhecer a exaltação do *manliness* e o culto do *team spirit* no gosto pela violência (a "cotovelada") e na exaltação ao sacrifício obscuro e tipicamente plebeu até em suas metáforas ("cavar" o jogo, etc) que caracteriza os novos jogadores de rugby e muito especialmente os corajosos que avançam mais. Para compreender disposições tão distantes da gratuidade e do fair play originais, é preciso ter em mente, entre outras coisas, o fato de que a carreira esportiva, que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia – tênis ou golfe à parte –, representa uma das únicas vias de ascensão social para as crianças das classes dominadas: o mercado esportivo está para o capital físico dos meninos assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso – recepcionistas, etc. – estão para o capital físico das meninas (BOURDIEU, 2003, p. 196).

O esporte universitário ser restrito a uma prática das elites, fez com que a maior parte da população não se identificasse com os atletas

²⁶ Entendida como o apelo à vontade emocional em detrimento à racionalidade.

²⁷ A partir do Decreto-Lei Nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, o esporte universitário brasileiro passa a ser controlado pelo Estado, a este processo se deu o nome de "oficialização".

universitários, algo que contribuiu para que ele fosse praticamente obsoleto fora dos círculos acadêmicos. Outra questão fundamental, diz respeito ao fator de mobilidade social, para os membros das classes dominadas o esporte universitário não representava uma oportunidade profissional, diferente do futebol que naquele contexto poderia ser uma via de ascensão social a partir do esporte. Para que tenhamos uma ideia do caráter aristocrático do esporte universitário no Brasil, em 1940 dos homens e mulheres brancas que recebiam alguma instrução escolar, apenas 1,47% estavam no nível superior. A participação dos negros na academia naquele contexto era ainda menor, cerca de 0,08% dos homens e mulheres negras compunham as fileiras universitárias (IBGE, 1950). Estes dados afirmam de modo insofismável que em sua natureza o esporte universitário tinha um caráter elitista que ia ao encontro da retórica do amadorismo. “Fazer renascer o amadorismo”²⁸ seria, portanto, restringir o fenômeno esportivo às classes dominantes, assim como foi no início da sistematização do futebol no Brasil.

Fatores como a pretensão ao *fair play* e a entrega gratuita ao esporte fizeram com que não se desenvolvesse um mercado em torno do esporte universitário brasileiro. De acordo com Riess (2008), uma das principais variáveis para a consolidação dos esportes modernos está justamente na comercialização deste fenômeno. Se utilizarmos o modelo proposto por Vamplew (2013), que determina graus de associativismo para a prática esportiva, podemos utilizá-lo como um dos fatores que explicariam a singularidade do desporto acadêmico, principalmente por ele se constituir em uma espécie de associativismo restrito, ou seja, para fazer parte de um clube esportivo universitário seria necessário estar entre os 1,47%, isto levando em conta a população branca, que é historicamente mais favorecida com relação aos negros.

Não tivemos a pretensão de explicar todas as variáveis possíveis que fizeram com que o esporte universitário brasileiro não compusesse o mercado profissional na contemporaneidade, assim como ocorre na América do Norte, na Europa e em alguns países da América do Sul. Levando em conta as limitações do recorte temporal estabelecido na pesquisa, seria arriscado afirmar que o amadorismo tenha sido o único fator responsável pela não comercialização do esporte universitário brasileiro, porém, acreditamos que esta seja uma contribuição importante para que futuras pesquisas tenham um ponto de partida para problematizar algo que compreendemos ser importante para a história do desenvolvimento esportivo no país.

Referências Bibliográficas

²⁸ PALAVRA das Mais Autorizadas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, v. 22, n. 2, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? *Questões de Sociologia*. Lisboa, Fim de Século, p. 181-204, 2003.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pg. 275.

BRASIL. *Decreto-Lei n. 3.199, 14 de abril de 1941*. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos.

DIAS, C. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, Jan. 2017

DIAS, Cleber. *História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento*. *Materiales para la Historia del Deporte*, v. x, p. 24-36, 2012.

DRUMOND, Maurício. *Estado novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FORTES, Rafael; MALAIA, João. Entrevista com João Malaia. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 14, n. 2, 2021.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 95 p.

GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: O velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MALAIA, João Manuel. *O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)*. *Leituras de Economia Política*, Campinas, v. 13, p. 125-155, jan./jul. 2008.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016

PEREIRA, L. A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas: [s.n.], 1998. 380 p.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. HISTÓRIA DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL (1933-1941). *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 25, p. 25016, 2019.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. Política, associativismo e esporte universitário na década de 1930. *Movimento*, v. 26, e26066, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100596>. Acesso em: 21 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100596>.

PESSOA, Vitor Lucas de. *Moços de hoje, dirigentes da nação amanhã: a história do esporte universitário no Brasil de 1930 a 1941*. 2018, p. 120. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RECENSEAMENTO Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Série Nacional, Volume II. *Censo Demográfico, População e Habitação*. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

RIESS, Steven. Associativity and the evolution of modern sport. *Journal of Sport History*, v. 35, n. 1, p. 33-38, 2008.

SANTOS, Marcela Ariete dos. *O teatro em Mato Grosso (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VAMPLEW, Wray. Theories and typologies: A historical exploration of the sports club in Britain. *The International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 14, p. 1569-1585, 2013.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

YAMANDU, Walter; JUNIOR, Edivaldo Góis. Profissionalismo "marrom" do futebol e a imprensa paulista (1920-1930). *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 2, 2012.

Recebido em 28 de setembro de 2020
Aprovado em 7 de outubro de 2021